



**Inaugurado 'Museu do Touro' em Rio de Onor**



Rio de Onor casa do touro

Rio de Onor casa do touro





Rio de Onor casa do touro

## Rio de Onor

---

O comunitarismo que constituiu o caráter diferenciador da aldeia de Rio de Onor e que atraiu a atenção e o interesse de olhares exteriores e esteve na base de estudos, livros, artigos e reportagens, foi uma forma da comunidade enfrentar as difíceis condições de subsistência e uma resposta eficaz adaptada a um modo de vida que se estendeu da Idade Média a meados do século XX. Investigadores como Jorge Dias, Joaquim Pais de Brito ou Sérgio Fernandez, eternizaram nas suas obras o caráter singular de Rio de Onor. A relação com a fronteira entre os dois países ibéricos foi um outro aspeto distintivo. A raia seca foi presença muito marcante ao longo dos oito séculos anteriores à entrada na Comunidade Económica Europeia. Rio de Onor integrava, no seu quotidiano de comunidade aldeã, a vida dos dois lados da fronteira.





oculus

Rio de  
Onor  
MUSEUM



## O antigo lagar que foi depois a Casa do Touro

A **Bolada**, a manada dos bois, vacas e velleiros que reunia os animais de cada casa da aldeia, constituía a principal fortuna dos habitantes de Rio de Onor. Para prover à sua alimentação, extensas áreas ao longo das margens do rio foram convertidas em lameiros, os Coutos, cuja cuidada e trabalhosa gestão de manutenção de presas e regueiros, limpeza de ervas daninhas, corte de feno e guarda dos animais era a principal razão de ser da organização coletiva do Conselho da aldeia. Um macho cabrito assegurava a reprodução da manada. Era este o papel que cabia ao Touro do Povo, objeto de cuidados e orgulho dos habitantes.

Na **década de 1940** este edifício era o lagar coletivo onde apenas existia uma prensa para espremer o bagaço, uma vez que a pisa do vinho era realizada em dornas nas adegas de cada um dos vizinhos. Era também aqui que alguns dos vizinhos, em finais de outubro, doblavam a aguardente nos alambiques chamados potes. Então, o Touro do Povo era mantido no estábulo do vizinho que no início de cada ano e atermatasse em lã, em troca de menores compensações devidas ao Conselho.

Na **década de 1960** o edifício passou a ser utilizado como estábulo do touro consual e também como polhoso para abrigo de parte do feno da sua alimentação. Mantive-se porém o anterior sistema de responsabilidade pela guarda do touro.

Entre **1970 e 1975** o touro reprodutor deixou de ser adquirido pelo Conselho e passou a ser creditado pelos serviços pecuários do Estado.

Em **1976** o Conselho retomou o encargo de adquirir o touro, alterando-se o sistema de guarda, que passou a ser assumido rotativamente (à roda). A comunidade procurava assim revalorizar o sistema e as práticas comunais.

Esta casa continuava até ao início dos anos 2000 a albergar o Touro do Conselho, altura em que o Povo abdicou de extinguir o sistema e vender o último animal que havia servido à Bolada.



ENFRIES

## Rio de Onor

O **comunismo** que constitui o caráter diferenciador da aldeia de Rio de Onor e que atrai a atenção e o interesse de olhares externos e esteve na base de estudos, livros, artigos e reportagens, foi uma forma de comunidade enfrentar as difíceis condições de subsistência e uma resposta direta associada a um modo de vida que se estendeu da Idade Média a meados do século XX. Investigadores como Jorge Dias, Joaquim Pais de Brito ou Sérgio Fernández, enfatizaram nas suas obras o caráter singular de Rio de Onor. A relação com a fronteira entre os dois países ibéricos foi um aspeto distintivo. A raia seca foi presença muito marcante ao longo dos oito séculos anteriores à entrada na Comunidade Económica Europeia. Rio de Onor integrava, no seu quotidiano de comunidade aldeã, a vida dos dois lados da fronteira.



ENFRIES

Rio de  
Onor



casa do  
touro